

que moram na cidade de Canindé. O que sobra é vendido. Eu vendo, vendo galinhas por encomendas. Vendo uma galinha já tratada por R\$ 30,00. Tem também a feira da agricultura familiar, já vendi alguns ovinhos lá”, narra Mariinha.

Embora o quintal ainda esteja praticamente em fase de implantação e a produção de frutas ainda seja pequena, o casal destaca que a alimentação da família vem melhorando de qualidade na medida em que consomem ovos, aves, carne de criação e agora o leite produzido em casa, sem agrotóxicos e aditivos. O canteiro de verdura também já dá sua contribuição e nesse inverno, mesmo com pouca chuva foi possível colher jerimum, feijão e gergelim. O ambiente fresco ao redor da casa também é destacado por Mariinha como sendo uma contribuição de suas plantas.



Mariinha e Serjão têm a cisterna de 16 mil litros ainda cheia, um canteirinho bem sombreado com as ervas e uma casa rodeada de plantas ornamentais e medicinais no

Quintais produtivos em Monte Orebe: na casa de Mariinha e Sérgio

Abril e maio de 2013 não renderam boas chuvas para regar boas produções no roçado. Mas os quintais, estes sim, verdejaram, floraram e frutificaram. No assentamento Monte Orebe, em Canindé, pés de fruta, temperos, ervas para fazer chá, legumes, hortaliças e flores brotaram por entre as casas da antiga fazenda. Mulheres e homens não perderam tempo para aumentar o quintal e garantir a segurança alimentar da família.

Além das plantações, há o cuidado com as aves, criações, gado, roçado, com a própria família e do trabalho fora de casa. A quantidade de água para suprir a necessidade dessas atividades vem dos açudes que rodeiam o assentamento, são três, sendo dois deles para irrigação e produção, o outro para lazer, enquanto ainda tem água.

Em uma conversa com algumas mulheres do assentamento, elas descreveram com simplicidade seus quintais, sem atentar que praticavam permacultura e agroecologia, tornando o espaço ao redor de suas casas



Mulheres do Assentamento Monte Orebe, em uma conversa sobre seus quintais, família e trabalho.



agroflorestas, mesmo em meio à grande estiagem que o Semiárido está passando. Também, como elas mostram, é tão natural e comum cuidar do entorno da casa, para que fique mais fresco, para poder tirar uma diversidade de frutas e verduras do pé, sem veneno, comer sem medo e até vender o que sobra; ter a mistura para colocar na mesa, em vez de gastar o dinheiro que pode servir para outra necessidade da família; além de saber o que realmente está comendo, o que gera melhor qualidade de vida.

A seguir, uma das histórias, a de Mariinha e

Na casa de Mariinha e Serjão



Mariinha alimentando os bichos no final da tarde, na volta do trabalho (na foto acima). Serjão na limpeza do terreiro



A agricultora Mariinha, que também trabalha no Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Canindé, divide com o marido, Sérgio, as atividades nos quintais. Tem o da frente da casa, onde cultivam as plantações e o dos fundos, onde criam os animais.

“Sempre eu tive vontade de estar num assentamento e ter condições de fazer alguma coisa, um trabalho. Comecei no quintal produtivo, que eu gosto muito. A minha primeira iniciativa, foi plantar fruteiras. Plantei 17 covas de bananeira, depois plantei um pé de goiaba, outro de graviola. Plantei também feijão em todo o quintal, fiz um canteiro com cheiro verde e pimenta, hortelã, malvarisco, courama e outras plantas medicinais.

Eu já estou fazendo um projeto, pelo BNB (Banco do Nordeste), pra cercar uma área baixa que eu tenho, pra fazer um cacimbão e comprar um kit de irrigação. Estou esperando a liberação do projeto ou alguma coisa do pacote de medidas

emergenciais do governo federal”, conta Mariinha.

A ideia é plantar capim e irrigar, pois o casal está começando a criação de gado. No momento da conversa, Serjão estava fazendo uma troca de uma porca de raça por uma vaca preta. Ele teve que pagar em dinheiro a diferença para completar o valor da vaca. “Depois que a gente começa a mexer com gado, aí dá mais trabalho. Mas por enquanto não quero aumentar não. Vou esperar o



A aquisição dos rebanhos vem sendo feita aos poucos na base da troca, como o foi o caso da vaca ou da venda de outros produtos como conta Mariinha: “pra comprar as ovelhas, a gente começou plantando capim na vazante do açude.

A gente vendia o capim e faturava de 200 a 300 reais por mês. O dinheiro era investido na compra da criação. Os porcos foram adquiridos com a renda que meu marido tirava no trabalho. As galinhas e adquirei dessas de granja, mas aos poucos estou substituindo pelas nossas galinhas pé-duras”

Os animais, 50 aves, sendo galinhas e patos, oito porcos e 27 ovinos e caprinos e três vacas ocupam a maior parte do tempo que o casal dedica ao quintal. Ela acorda de madrugada para aguar as plantações, faz o café, enquanto Serjão – como ela o chama, está chegando do trabalho

de vigia de uma granja, na sede de Canindé. Como o emprego de Sérgio é à noite, quem cuida mais das criações é ele: limpa, dá comida, tange, conta, alguns ele corta para vender por quilo ou a peça inteira.

O plano dele é só trabalhar no seu quintal, num futuro próximo, para se dedicar mais e viver das criações e roçado. Mariinha também pretende se dedicar ao quintal quando terminar seu mandato na



Serjão em casa, Mariinha com as galinhas acima. As vacas que garantem o leite para casa, e os patos, galinhas e porcos para alimentação.

